

O DIA MAIS TRANQUILO AQUI NO CAPS: A CONSTRUÇÃO DO ESTIGMA PSICOSSOCIAL NA ERA DOS MEMES

Vitor José Soares Martins¹
Magalí de Paula Silva Santana²
Alcione Januária Teixeira da Silveira³

psicomagalisantana@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Humanas

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar como piadas, memes e outras manifestações da linguagem memética contribuem para a construção do estigma psicossocial relacionado aos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, desenvolvida a partir de aproximadamente 40 horas de observação não participante realizadas durante o Estágio Supervisionado em Psicologia em um CAPS localizado no interior de Minas Gerais. Os dados foram registrados em diário de campo e analisados por meio de leitura interpretativa, à luz do referencial teórico sobre estigma, Reforma Psiquiátrica, saúde mental e comunicação. As observações evidenciaram que o CAPS se configura como um espaço de acolhimento, construção de vínculos, promoção da cidadania e cuidado em liberdade, contrastando com representações estigmatizadas frequentemente reproduzidas no cotidiano social por meio de piadas, ironias e expressões inspiradas na cultura dos memes. Verificou-se que essas manifestações humorísticas, embora muitas vezes naturalizadas, podem contribuir para reforçar estereótipos negativos sobre o sofrimento psíquico e sobre os serviços de saúde mental, dificultando processos de inclusão social. Conclui-se que o enfrentamento do estigma exige não apenas políticas públicas e ações institucionais, mas também estratégias de educação e sensibilização social capazes de promover uma compreensão mais crítica sobre a saúde mental e fortalecer o reconhecimento do CAPS como equipamento essencial da Rede de Atenção Psicossocial.

PALAVRAS-CHAVE: CAPS; estigma; memes.

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (1948), saúde corresponde a um estado de completo bem-estar físico, mental e social, ultrapassando a simples

¹Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Univértix.

² Psicóloga e Professora do Curso de Psicologia no Centro Universitário Univértix.

³ Doutora e Mestre em Educação; Psicóloga e Professora no Centro Universitário Univértix.

ausência de doença. Essa compreensão fundamenta políticas públicas que reconhecem a influência dos determinantes sociais sobre o processo saúde-doença.

No Brasil, o principal órgão público responsável pela implementação de políticas de saúde é o Sistema Único de Saúde (SUS). Ele foi criado para garantir o acesso universal e igualitário aos serviços de saúde para todos os cidadãos. O sistema é norteado por princípios que incluem a promoção, a proteção e a recuperação da saúde, e reconhece a influência de fatores sociais e econômicos, como moradia, educação, emprego e saneamento básico, na saúde pública. Esses fundamentos estão previstos na Lei nº 8.080, que define a saúde como um direito e define a estrutura organizacional e as responsabilidades do SUS (Brasil, 1990).

Segundo o Ministério da Saúde, a saúde mental é entendida sob uma perspectiva biopsicossocial, reconhecendo que o bem-estar emocional é influenciado por fatores biológicos, psicológicos, sociais e ambientais. Não se limita à ausência de transtornos mentais, mas envolve também a saúde física, o apoio social e as condições de vida. Essa abordagem subsidia políticas públicas que priorizam os direitos humanos, a atenção comunitária e a integração de serviços no Sistema Único de Saúde (SUS), especialmente por meio da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) (Brasil, 2024).

Este estudo baseia-se em uma experiência de estágio em psicologia envolvendo a observação de serviços de saúde mental oferecidos em um ambiente público de saúde, com foco específico no funcionamento e nos desafios enfrentados pelos profissionais do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). O trabalho foi fruto do contato direto com as realidades desses serviços, com o objetivo de compreender como as limitações estruturais e a percepção pública afetam, tanto os profissionais, quanto os indivíduos que dependem dos CAPS para apoio à saúde mental.

O objetivo desta pesquisa foi analisar como piadas, memes e outras manifestações da linguagem memética contribuem para a construção do estigma psicossocial relacionado aos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender como manifestações da cultura digital participam da construção do estigma relacionado aos CAPS, tema ainda pouco explorado na literatura nacional.

Embora existam estudos sobre estigma em saúde mental e sobre a atuação dos CAPS, ainda são escassas pesquisas que discutam como os memes e outras formas de humor digital contribuem para a construção e manutenção do estigma psicossocial dessas instituições

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são serviços de saúde mental comunitários brasileiros, projetados para substituir os hospitais psiquiátricos tradicionais e suas práticas. Os CAPS oferecem cuidados intermediários, entre o tratamento ambulatorial e a internação hospitalar, oferecendo cuidados intensivos, semi-intensivos ou não intensivos a indivíduos com condições graves de saúde mental. Criados por meio de portarias regulatórias, desde 1992, os CAPS visam oferecer tratamento clínico integral, promovendo a reinserção social por meio do acesso ao trabalho e ao lazer, favorecendo o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários (Brasil, 2011).

Mais do que um serviço substitutivo ao modelo hospitalocêntrico, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) representam uma das principais conquistas da Reforma Psiquiátrica Brasileira, fundamentada nos princípios da desinstitucionalização, da atenção territorial e da defesa dos direitos humanos das pessoas em sofrimento psíquico. Nesse modelo, o cuidado deixa de estar centrado na doença e na exclusão social para priorizar a singularidade dos sujeitos, o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários e a promoção da cidadania. Conforme Amarante (2007), a Reforma Psiquiátrica ultrapassa a reorganização dos serviços de saúde mental, constituindo um processo ético, político e social que busca transformar as formas como a sociedade compreende a loucura, o sofrimento psíquico e as pessoas que deles vivenciam. Nessa mesma direção, Saraceno (2001) destaca que a inclusão social e o exercício da cidadania são dimensões inseparáveis do

cuidado em saúde mental, exigindo a superação do estigma e da exclusão historicamente associados aos transtornos mentais.

Segundo Chagas (2025), os memes são uma forma distinta de linguagem de mídia digital que se entrelaça intimamente com interações sociais em plataformas digitais. A cultura de memes brasileira está profundamente conectada à sociabilidade e aos hábitos de comunicação de seus usuários nas redes sociais. Os memes condensam mensagens sociais, políticas e culturais complexas em conteúdo sucinto e frequentemente humorístico, facilitando uma comunicação rápida e envolvente. Essa cultura enfatiza a criatividade e a espontaneidade, ao mesmo tempo em que reflete o contexto histórico e político único do Brasil. Os memes servem não apenas como entretenimento, mas também contribuem para a conscientização política e o debate público, fornecendo uma lente através da qual a identidade coletiva e as questões sociais são expressas e negociadas.

De acordo com Costa (2021), esses memes se tornaram um modo central de expressão online, influenciando a forma como a sociedade percebe diversas questões, incluindo a saúde mental. Apesar de sua aparência humorística, muitos desses memes ridicularizam o sofrimento psicológico, o que acaba reforçando estereótipos negativos e o estigma social em torno dos transtornos mentais. Em particular, eles frequentemente minimizam temas sérios como a hospitalização psiquiátrica e a realidade cotidiana de indivíduos atendidos em CAPS. Esse tipo de representação contribui para a exclusão e a estigmatização contínuas de pessoas que necessitam de serviços de saúde mental.

Goffman (1981) descreve o estigma como um atributo que limita profundamente um indivíduo nas interações sociais, transformando sua identidade de uma “pessoa completa e comum” em uma “pessoa contaminada e desvalorizada”. Ele argumenta que o estigma surge da discrepância entre a identidade social real de uma pessoa e a identidade socialmente percebida, frequentemente marcada negativamente por estereótipos. Essa divisão cria uma separação social entre a maioria “normal” e a minoria estigmatizada, resultando em rejeição, discriminação e perda de status social para esta última. Goffman enfatiza que o estigma não é uma qualidade inerente, mas

um produto de relações sociais e narrativas culturais que perpetuam a exclusão e limitam as oportunidades para aqueles rotulados como “normal”.

Também, Foucault (1996) descreve o estigma como discursos e práticas sociais estabelecem “verdades” dominantes que servem para classificar, hierarquizar e excluir grupos ou indivíduos específicos, facilitando assim o surgimento e a persistência do estigma. Ele enfatiza que o estigma não deve ser visto apenas como um problema individual, mas sim como um elemento dentro de uma estrutura de poder mais ampla que governa o comportamento e restringe a plena participação social, por meio de mecanismos de disciplina e controle social. Esse processo de normalização funciona por meio de estruturas institucionais e epistêmicas que impõem conformidade ao marginalizar aqueles que se desviam das normas sociais, reforçando assim sistemas de hierarquia e vigilância social.

O Conselho Regional de Psicologia do Paraná (2025), aponta que, nessa cultura dos memes, os CAPS têm sido frequentemente alvos de memes virais que transmitem forte preconceito contra pessoas em sofrimento psíquico. Frases como “do jeito que o CAPS gosta” e “essa pessoa fugiu do CAPS” têm circulado amplamente nas redes sociais, reproduzindo estereótipos nocivos e reforçando a estigmatização da doença mental. Apesar da visibilidade que esses memes trazem, eles apresentam alto potencial para aprofundar a exclusão social e a discriminação contra usuários de serviços de saúde mental. O CRP-PR enfatiza que o CAPS não é piada e nem meme, mas sim um serviço essencial de saúde mental que exige investimento adequado, equipes bem estruturadas e respeito. A instituição defende a ressignificação desses memes para conscientizar a população sobre o valor e a seriedade do CAPS no sistema de saúde brasileiro.

Giacomini e Bueno (2021) enfatizam que o estigma atua como uma barreira significativa à busca e manutenção do tratamento psiquiátrico, afetando negativamente a adesão e os desfechos do tratamento. Além disso, apontam que atitudes estigmatizantes e práticas clínicas desumanizantes aumentam o isolamento e o sofrimento emocional entre indivíduos com transtornos mentais. Os autores enfatizam a importância de esforços educacionais e abordagens de cuidado baseadas

na empatia para mitigar o estigma e melhorar o engajamento no tratamento, destacando a necessidade de serviços de saúde mental inclusivos e dignos.

Além disso, o Ministério de Saúde destaca que o estigma social impacta não apenas indivíduos com transtornos mentais, mas também suas famílias, cuidadores e profissionais de saúde. Esse estigma fomenta a exclusão, o medo e a discriminação, que atrasam ou até mesmo impedem o acesso dos indivíduos a cuidados oportunos, muitas vezes levando ao tratamento apenas em estágios avançados da doença. Consequentemente, o Ministério enfatiza que o combate ao estigma é essencial para melhorar o acesso aos serviços de saúde mental, aprimorar a qualidade do atendimento e promover a reinserção social dos indivíduos afetados (Brasil, 2024).

3 METODOLOGIA

O artigo baseia-se em uma abordagem de pesquisa qualitativa que, segundo Denzin e Lincoln (2018), busca compreender e interpretar os fenômenos a partir das experiências e dos significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos. Essa abordagem enfatiza a importância do contexto, do ambiente e da subjetividade, reconhecendo que esses elementos influenciam a construção das relações sociais e a compreensão da realidade, permitindo uma análise mais profunda e contextualizada do fenômeno investigado.

Além disso, o estudo utiliza a técnica da observação, definida por Danna e Matos (2015) como o uso deliberado e sistemático dos sentidos para compreender fenômenos em seus contextos naturais. Segundo as autoras, trata-se de uma estratégia metodológica que possibilita ao pesquisador captar aspectos das interações, dos comportamentos e das dinâmicas sociais que, muitas vezes, não seriam identificados por outros procedimentos de coleta de dados.

Esta pesquisa foi desenvolvida no contexto do Estágio Supervisionado Obrigatório do curso de Psicologia do Centro Universitário Univértix, realizado em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS I) localizado em um município da Zona da Mata Mineira. A produção dos dados ocorreu por meio de aproximadamente 40 horas de observação não participante, distribuídas ao longo do período de estágio. As

observações foram registradas sistematicamente em diário de campo, instrumento utilizado para documentar acontecimentos, diálogos, impressões e situações consideradas relevantes para os objetivos da pesquisa, possibilitando a organização e posterior análise do material empírico.

Os registros contemplaram situações cotidianas vivenciadas no serviço, especialmente interações entre profissionais, usuários e membros da comunidade, nas quais surgiam espontaneamente piadas, comentários humorísticos, ironias e expressões inspiradas na linguagem dos memes, utilizadas para se referir ao CAPS, aos profissionais e às pessoas em sofrimento psíquico. Essas manifestações, observadas no cotidiano institucional e também presentes no contexto social da comunidade, foram compreendidas como práticas discursivas que expressam e reproduzem representações sociais acerca da saúde mental, constituindo o corpus analítico deste estudo.

A análise dos dados foi realizada por meio de leitura compreensiva e interpretação dos registros produzidos no diário de campo, buscando identificar recorrências, sentidos e padrões relacionados à construção do estigma psicossocial associado aos CAPS. A interpretação fundamentou-se no referencial teórico adotado, especialmente nas contribuições de Goffman (1981) acerca do estigma, de Foucault (1996) sobre os processos de normalização e exclusão e da literatura contemporânea sobre saúde mental, comunicação e estigmatização.

Por se tratar de um estudo baseado em observações realizadas durante as atividades de estágio, sem identificação de usuários ou divulgação de informações que possibilitassem sua identificação, foram respeitados os princípios éticos da confidencialidade, do anonimato e da preservação da identidade dos participantes e da instituição, em consonância com as diretrizes éticas para pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As observações realizadas durante o estágio evidenciaram que o cotidiano do CAPS é marcado por relações de acolhimento, cooperação, espontaneidade e

construção de vínculos, revelando um ambiente que contrasta com as representações estigmatizadas frequentemente atribuídas ao serviço.

A partir das observações, foi possível presenciar momentos que refletem afeto, espontaneidade e conexão interpessoal entre os indivíduos que frequentam o serviço. As pessoas presentes não são definidas por seus diagnósticos, mas sim se revelam por meio de gestos de cuidado, criatividade e engajamento social. Elas buscam o serviço porque precisam de apoio e, é nesse espaço que, não só encontram o apoio necessário, mas também participam ativamente de atividades terapêuticas, compartilham vivências e expressões pessoais e interagem com os outros de maneira significativa.

As observações realizadas durante o estágio evidenciaram que o CAPS constitui um espaço de acolhimento, construção de vínculos e fortalecimento da autonomia dos usuários. Mais do que ofertar tratamento em saúde mental, o serviço favorece relações de cuidado, convivência e participação social, permitindo que os sujeitos sejam reconhecidos para além de seus diagnósticos. Conforme destaca Amarante (2007), a Reforma Psiquiátrica propõe justamente a superação do modelo centrado na doença, valorizando práticas de cuidado que promovam cidadania, inclusão social e respeito à singularidade das pessoas em sofrimento psíquico. Nesse sentido, as experiências observadas no cotidiano do serviço reforçam o papel do CAPS como espaço de reconstrução de vínculos e de produção de novas formas de existir em sociedade.

Também foi possível observar o profundo impacto que o estigma tem na vida dos pacientes. Muitos vivenciam exclusão social, preconceito e falta de compreensão por parte da comunidade em geral, o que frequentemente leva a sentimentos de vergonha, isolamento e baixa autoestima, tornando o processo de tratamento mais desafiador. Durante uma conversa informal entre profissionais, observou-se a utilização da expressão 'hoje está do jeito que o CAPS gosta', acompanhada de risos entre os presentes. Embora empregada em tom de brincadeira, a fala evidencia como determinadas expressões humorísticas já foram naturalizadas, reproduzindo estereótipos sobre o sofrimento psíquico e os serviços de saúde mental.

Durante outro momento de observação, um comentário em tom de brincadeira associava qualquer comportamento considerado "estranho" ao CAPS, revelando como a instituição permanece utilizada como referência pejorativa na linguagem cotidiana.

Vieira (2021), aponta que essa rejeição social, preconceito e incompreensão por parte da sociedade, vivenciada por indivíduos que buscam o tratamento de saúde mental, é fruto desse estigma, o que, também, pode levar a sentimentos de vergonha, solidão e baixa autoestima. Essas consequências emocionais criam desafios significativos para o engajamento no tratamento, resultando frequentemente em menor adesão e piora dos resultados de saúde. Vieira destaca que o estigma internalizado exacerba esses efeitos, tornando crucial a implementação de iniciativas de conscientização e políticas inclusivas para apoiar efetivamente os indivíduos afetados.

Durante o período de observação foi possível identificar que expressões humorísticas, piadas, ironias e referências inspiradas na linguagem dos memes fazem parte das interações cotidianas no CAPS. Essas manifestações surgiam espontaneamente, tanto entre membros da equipe quanto em comentários provenientes da comunidade, sendo frequentemente utilizadas para se referir aos próprios profissionais, aos usuários do serviço e ao ambiente institucional.

Observou-se que essas falas, geralmente apresentadas em tom de brincadeira, zoação ou sarcasmo, reproduziam estereótipos historicamente associados ao sofrimento psíquico e aos serviços de saúde mental. Embora frequentemente naturalizadas pelos interlocutores como formas de humor, tais manifestações revelam modos de significação que contribuem para a manutenção do estigma social em torno do CAPS e das pessoas em sofrimento mental, evidenciando como a linguagem cotidiana também participa da produção e reprodução de preconceitos.

Além das manifestações observadas durante o estágio, realizou-se consulta exploratória a conteúdos de ampla circulação em redes sociais, com o objetivo de ilustrar exemplos de expressões meméticas relacionadas aos CAPS. Essa consulta teve caráter ilustrativo e complementar, não constituindo fonte principal de produção

dos dados. As postagens frequentemente incluem comentários humorísticos ou irônicos sobre pacientes, ou colocações sobre situações atípicas, com comentários como “o paciente mais tranquilo do CAPS”, “o dia mais tranquilo aqui no CAPS”, etc, até mesmo jogos cuja premissa é escapar da instituição. Essas expressões aparecem em memes, vídeos e comentários compartilhados em diversas plataformas, retratando versões exageradas ou caricaturais do atendimento psiquiátrico. Esse conteúdo é frequentemente usado para entretenimento, e tende a refletir as percepções populares sobre saúde mental e o papel do CAPS no imaginário coletivo.

De acordo com Souza e Massette (2024), expressões culturais, como piadas e memes, influenciam significativamente as percepções sociais sobre saúde mental. Essas representações humorísticas, frequentemente caracterizadas por ironia ou sarcasmo, são disseminadas tanto na comunidade que rodeia o CAPS quanto na sociedade em geral, contribuindo para a banalização e o reforço de estereótipos relacionados a transtornos mentais. Tais comentários podem ser feitos por profissionais ou membros da comunidade e refletem uma cultura de resistência à mudança nos discursos sobre saúde mental, o que dificulta os esforços para desconstruir o estigma em torno desse tema. Portanto, esses elementos culturais, embora aparentemente inofensivos, podem influenciar negativamente as atitudes e práticas sociais em relação à saúde mental, perpetuando a ideia de que o sofrimento psíquico é algo a ser ridicularizado ou desvalorizado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações realizadas durante o estágio evidenciaram que o CAPS constitui um espaço de acolhimento, cuidado em liberdade, construção de vínculos e promoção da cidadania, revelando uma realidade bastante distinta das representações estigmatizadas frequentemente reproduzidas no imaginário social e na linguagem cotidiana.

Os resultados indicam que piadas, ironias e expressões inspiradas na cultura dos memes podem contribuir para a reprodução de estereótipos sobre os serviços de saúde mental e sobre as pessoas em sofrimento psíquico. Embora frequentemente naturalizadas como formas de humor, essas manifestações tendem a reforçar

concepções equivocadas acerca do CAPS e de sua função social, evidenciando a necessidade de ampliar o debate público sobre saúde mental e fortalecer estratégias de educação e comunicação social comprometidas com a redução do estigma.

Como limitações, destaca-se que o estudo foi desenvolvido em um único serviço, a partir de observações realizadas durante o estágio supervisionado, não sendo possível generalizar os resultados para outros contextos. Ainda assim, a pesquisa contribui ao evidenciar como práticas discursivas presentes no cotidiano podem participar da construção e da manutenção do estigma relacionado aos CAPS, apontando a necessidade de novas investigações que ampliem essa discussão em diferentes contextos da Rede de Atenção Psicossocial e também nas mídias digitais.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

BRASIL. **Centros de Atenção Psicossocial - CAPS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/desmad/raps/caps>. Acesso em: 13 set. 2025

BRASIL. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 20 set. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/l8080.htm>. Acesso em: 8 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-mental>. Acesso em: 8 set. 2025.

BRASIL. **Saúde Mental – Estigma e desafios**. Brasília: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-mental>. Acesso em: 13 set. 2025.

CHAGAS, V. A cultura dos memes no Brasil. **Revista da UFF**, 2025. Disponível em: <https://www.uff.br/27-08-2024/a-cultura-dos-memes-no-brasil/>. Acesso em: 13 set. 2025.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO PARANÁ (CRP-PR). **Do jeito que o CAPS gosta:** isso NÃO é meme! Curitiba, 2025. Disponível em: <https://crppr.org.br/do-jeito-que-o-caps-gosta-campanha/>. Acesso em: 13 set. 2025.

COSTA, R. D. **Saúde mental na cultura digital:** O papel dos memes na construção de estigmas. Brasília: Editora UnB, 2021

DANNA, M. F.; MATOS, M. A. **Aprendendo a Observar.** 3ª ed. São Paulo: Edicon, 2015.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.). **O Manual de Pesquisa Qualitativa da SAGE.** 5ª ed. Los Angeles: SAGE Publications, 2018. Acesso em 10 set. 2025.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

GIACOMINI, Franco Delatorre; BUENO, Silvia Messias. Influência do estigma na busca por tratamento psiquiátrico e estratégias para superá-lo. **Revista Corpus Hippocraticum**, 2021. Disponível em: <https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-medicina/article/view/1198>. Acesso em: 13 set. 2025.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

SARACENO, Benedetto. **Libertando identidades:** da reabilitação psicossocial à cidadania possível. Rio de Janeiro: Te Corá, 2001.

SOUSA, Jhully Luiza Silva; MASSETTE, Palloma. Hoje eu tô do jeito que o CAPS não gosta. **Práxis em saúde**, v. 2, n. 1, p. 01-17, 18 jan. 2025. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/praxisemsaude/article/view/1808/1600>. Acesso em: 17 Out. 2025.

VIEIRA, V. B. Estigma e saúde mental na atenção básica: lacunas e desafios. **Revista Brasileira de Saúde Mental**, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/physis/a/FqdxGNRchKtZvxzTZz4dz5z/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 15 Out. 2025.

WHO. **Constitution of the World Health Organization.** Geneva: WHO, 1948.